

CRISTIANA LÔBO

ESTADO DE SÃO PAULO Uma estrada de espinhos

Paulo Maluf foi o convidado do presidente Fernando Henrique Cardoso para jantar no Palácio da Alvorada na noite de segunda-feira. Elegante — quando lhe convém —, Maluf nada disse sobre o encontro. Afinal, “conversa com o presidente pertence ao presidente”, é o que dizem os políticos, ainda que nem sempre cumpram a regra.

Mas, para Maluf, cumprir a regra da discrição era a melhor postura. Afinal, de adversário político do governo ele passou a convidado para uma conversa pessoal com o presidente da República — sem testemunhas. No Planalto, ainda tentou-se esconder o encontro que o próprio Maluf, por meio de seus assessores, confirmava. Só depois que a entrada e a saída de Maluf do Alvorada foram registradas pelas emissoras de televisão é que o Planalto aquiesceu. “É uma liderança política”, argumentou o presidente Fernando Henrique confirmando o encontro.

Nem é preciso que Maluf declare o teor da conversa (seus aliados políticos fazem isso por ele), e nem é preciso ser adivinho para saber: a sucessão presidencial já bate às portas de todos os partidos. É uma demonstração de que o presidente Fernando Henrique quer afastar todos os obstáculos à sua reeleição. Maluf pensou ser candidato à Presidência e chegou a montar uma estratégia para isso, mas vendo que as pesquisas em São Paulo lhe são tão generosas, mudou de rumo e adiou o projeto. Agora, quer ser governador de São Paulo, eleito diretamente — quando ocupou o cargo foi eleito indiretamente, até contrariando a orientação do Palácio do Planalto à época do então presidente Ernesto Geisel. É um adversário a menos.

A abertura dos salões do Alvorada para encontros políticos com adversários mostra também a disposição do presidente Fernando Henrique de compor. Seu objetivo é ter apenas um adversário na disputa eleitoral — o da esquerda. E, de preferência, o já conhecido que é Luiz Inácio Lula da Silva.

Mas, se de um lado ele resolve

problemas com essa capacidade de conciliação, de outro, os problemas vão brotar. Em São Paulo mesmo, o PSDB de Fernando Henrique tem como candidato o atual governador Mário Covas. Vai ser difícil para o presidente cumprir a tal neutralidade pedida por Maluf — que já deu em troca dessa promessa e garantia de que seu PPB vai, daqui por diante, ajudar a apressar a votação das reformas.

Este caso de São Paulo é apenas um exemplo de como será difícil no ano que vem a composição do palanque eleitoral de Fernando Henrique. Em Pernambuco, dois aliados também vão disputar: Jarbas Vasconcelos, pelo PMDB, e Carlos Wilson, pelo PSDB. Ou, no Rio, que tem Marcello Alencar disputando a reeleição e César Maia, pelo PFL, querendo sua cadeira.

Esta disputa entre aliados vai se repetir em praticamente todos os Estados. E o presidente Fernando Henrique não estabeleceu a regra de apoiar, na preferência, o candidato de seu partido, seguido pelo da aliança. Até agora, tem dito que não quer fazer comícios e muito menos palanque. Só que, no calor da campanha eleitoral, as coisas são bem diferentes e a cobrança aumenta.

Mas o estilo Fernando Henri-

que já é conhecido. Em 94, quando disputavam o governo de Minas Hélio Costa (PP) e Eduardo Azeredo (PSDB), Fernando Henrique não pisou em Minas no segundo turno. Ele havia feito um roteiro com Hélio Costa e outro com Azeredo. Mas no segundo turno, nada.

— Ele vai pensar só nele — disse um aliado, prevendo que Fernando Henrique não entrará nem mesmo numa eventual briga entre Maluf e Covas. Embora o PSDB garanta que ele prestigiará os correligionários.

Mário Covas dá de ombros e evita a discussão sobre a tal “neutralidade” pedida por Paulo Maluf: “Da outra vez eu não esperei nada dele e da próxima também não, nenhuma decisão de natureza política do presidente da República terá a minha contestação”, disse.



■ *Cristina Lôbo é jornalista*

A abertura dos salões do Alvorada mostra a disposição do presidente de compor